



# DINÂMICA LITERÁRIA NA CAPITAL MINEIRA DO SÉCULO XX: AS GERAÇÕES DE *EDIFÍCIO*, *TENDÊNCIA*, *VOCAÇÃO E COMPLEMENTO*

LITERARY DYNAMICS IN THE CAPITAL OF MINAS GERAIS STATE IN THE TWENTIETH CENTURY: THE GENERATIONS OF *EDIFÍCIO*, *TENDÊNCIA*, *VOCAÇÃO E COMPLEMENTO*

Kaio Carmona\*

\* kaioarmona@hotmail.com  
Doutor em Estudos Literários pela UFMG.

**RESUMO:** Na construção da literatura ao longo do século XX, as revistas literárias presentes no cenário mineiro representaram papel fundamental na divulgação de novas linguagens e propostas, na medida em que reuniram em torno de seus projetos, produções e debates críticos que deram destaque a escritores que posteriormente teriam projeção nacional. Em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, os meados do século apresentaram grande produção em torno das revistas literárias, especialmente as revistas *Edifício*, *Tendência*, *Vocação e Complemento*, sobretudo com a presença do poeta e pesquisador Affonso Ávila.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revistas literárias; Belo Horizonte; Poesia Brasileira.

**ABSTRACT:** In the construction of literature throughout the 20th century, the literary magazines present in the state of Minas Gerais played a fundamental role in the dissemination of new languages and proposals, as they gathered around their projects, productions and critical debates that highlighted writers who later would have national projection. In Belo Horizonte, capital of Minas Gerais, the mid-century presented great production around the literary magazines, especially the magazines *Edifício*, *Tendência*, *Vocação e Complemento*, especially with the presence of the poet and researcher Affonso Ávila.

**KEYWORDS:** Literary Journals; Belo Horizonte; Brazilian Poetry.

Após a década de 1930, com a consolidação do ideário modernista no imaginário popular e a ida de muitos poetas e prosadores participantes do movimento mineiro para o Rio de Janeiro — ação realizada pela maioria dos artistas da geração dos anos 1920, como um projeto de participação política e, pelas décadas seguintes, atraídos também pela capital da República —, adentramos a década de 1940 com algumas transformações no cenário cultural da jovem capital mineira. Os anos quarenta trazem novo sopro de modernidade, concedendo um ar de metrópole a Belo Horizonte, embora o espírito provinciano permaneça como uma marca, por vezes negativa, ressentida, da cidade. O próprio Drummond, quando ainda residia em Belo Horizonte, em 1924, expressa em carta a Mário de Andrade esse espírito que permanecerá para as gerações seguintes:

...meu artigo vale pela coragem com que foi escrito, e que não é pequena em um meio, como este em que vivo, cretiníssimo. Estas coisas lhe são estranhas, porque vive bem longe desse *lugarejo chamado Belo Horizonte*.<sup>1</sup>

Já na década de 1940, a capital ganhou várias indústrias, abandonando seu perfil de cidade exclusivamente administrativa. O impulso para isso foi dado pela criação de um Parque Industrial, em 1941, em Contagem,<sup>2</sup> região metropolitana de Belo Horizonte. O setor de serviços também

começou a crescer com o fortalecimento do comércio. O centro da cidade tornou-se, então, uma área valorizada e passou a sofrer a especulação imobiliária.

O grande responsável pela transformação de Belo Horizonte foi o prefeito Juscelino Kubitschek. Com o objetivo de renovar a capital, promovendo um surto de desenvolvimento e modernização, JK realizou diversas obras que projetaram internacionalmente o nome da cidade. A mais importante delas foi o Complexo Arquitetônico da Pampulha,<sup>3</sup> inaugurado em 1943. Desenhado pelo então jovem arquiteto Oscar Niemeyer, o complexo é constituído por quatro principais obras: a Igreja de São Francisco de Assis, a Casa do Baile, o Cassino e o Iate Clube, instaladas às margens da lagoa artificial, também conhecida como Lagoa da Pampulha. Diferentemente da arquitetura, no campo literário, não há grandes inovações ou rupturas estéticas. Os escritores dessa nova geração têm como referência a figura de Carlos Drummond de Andrade e, especialmente, Mário de Andrade, por sua postura de mentor quase normativa em relação aos mais jovens. O Modernismo ainda operava as construções ideológicas, ou seja, ainda funcionava como um marco regulador das ideias desse momento.

Inserida nesse contexto, surge, em 1946, a revista *Edifício*, com a duração de quatro números, no período de janeiro a junho. A revista constituía-se, principalmente, pelos

1. DRUMMOND apud SANTIAGO. *Carlos e Mário; correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*, p. 56. (grifo nosso)

2. O parque ganhou, mais tarde, o nome de “Cidade Industrial”. No Governo Benedito Valadares (1933-1945), a criação da Cidade industrial, por meio do Decreto nº 770, de 20 de março de 1941, com a desapropriação de uma área de 270 hectares, impulsionou o crescimento do vetor oeste da cidade.

3. “Historicamente, a Pampulha constituiu-se, no ambiente sociocultural e político de Belo Horizonte, como uma ilha de modernidade, propondo uma nova cultura urbana para um novo homem. Essa ilha de modernidade, na capital planejada e pretensamente moderna, definiu-se, inicialmente, como um grande empreendimento inovador, voltado para o suprimento de uma lacuna com relação à promoção de equipamentos coletivos de lazer e turismo, mas acabou por tornar-se, mais tarde, e durante muitos anos, objeto e símbolo do descaso e do abandono do poder público” (ÁVILA. *Casa do Baile: uma ilha na história*, p. 35).

seguintes nomes: Wilson Figueiredo, Valdomiro Autran Dourado, Sábato Magaldi, Francisco Iglésias, Pedro Paulo Ernesto e Edmur Fonseca. Publicava poemas, contos e ensaios de poetas iniciantes e de outros já consagrados, como Drummond, Vinicius de Moraes, Emílio Moura e Lúcio Cardoso, além de manter uma aproximação íntima com os “quatro vintanistas”: Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos.

Em um ensaio, “Edifício: que geração é essa?”, Eneida Maria de Souza apresenta algumas reflexões sobre os autores da revista *Edifício* e revela algumas posturas ideológicas do grupo, contribuindo para um maior entendimento desse período. Segundo a pesquisadora, havia naqueles jovens intelectuais uma postura política bem definida e uma vontade imensa de participar de um debate universal, sobretudo diante do fim da Segunda Grande Guerra. A proposta comunista, que seduzia abertamente o grupo, casava-se com a herança estética e engajada de Carlos Drummond de Andrade que acabara de publicar, em 1945, *A rosa do povo*, referência para a geração de *Edifício*. Sobre o grupo envolvido na publicação dessa revista, escreve Eneida Souza:

A convivência com os dois polos — o local e o universal, como hoje os denominamos — era marcada pelo intenso desejo de se entrar na discussão mais ampla dos ideais libertários, o

que impulsionava o grupo a manter os olhos abertos para o que acontecia lá fora. Num momento de recomposição democrática e de fim de guerra, tornava-se natural a negociação entre princípios nacionais e internacionais, prevalecendo, contudo, a recusa de se pensar mais o Brasil do que o estrangeiro. O programa nacionalista, marca registrada do alto modernismo — e da ditadura —, ia aos poucos perdendo terreno, com a perspectiva nascente de uma literatura que se impunha pela diluição do modelo figurativo. O caráter político dessa geração irá, paradoxalmente, escolher determinados princípios estéticos voltados para os processos intimistas de criação, o experimentalismo e o fantástico.<sup>4</sup>

Se o nacionalismo foi perdendo terreno e o desejo de participar de uma esfera universal foi ocupando seu lugar, ficou, com isso, uma ligação entre essas gerações de escritores de Belo Horizonte: a esperança de falar para além das montanhas que cercam a cidade. Parece existir, desde os primeiros anos da cidade, por parte dos poetas, uma explícita vontade de abraçar causas maiores, que não se resumiriam às que disponibilizava a jovem capital mineira. Talvez seja esse um dos motivos para a frequente saída dos escritores mineiros para o Rio de Janeiro e São Paulo.

Da geração de *Edifício*, apenas Autran Dourado irá se sobressair como prosador na Literatura Brasileira. Os demais

4. SOUZA. Edifício: que geração é essa?, p. 17.

se destacarão em outras áreas: a psicanálise, o jornalismo, a crítica teatral, o magistério, e não seguiram o caminho de Autran Dourado, cujo romance, *Um artista aprendiz*, de 1989, realiza uma espécie de “biografia” da geração, reconstruindo ficcionalmente a formação de seus colegas e a do escritor João Nogueira, nome dado ao personagem que parece ser um alter-ego do escritor. Como romance de formação, narra a trajetória do grupo, suas discussões e tomadas de posição diante da arte e do mundo. *Um artista aprendiz* coloca a cidade de Belo Horizonte como cenário, aproximando-se bastante do romance de seu contemporâneo, Fernando Sabino, que, em 1956, publica *Encontro marcado*, livro que também narra a formação de um grupo literário na cena cultural belo-horizontina. Nele, o autor delinea o percurso dos apelidados como quatro cavaleiros do apocalipse — Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos —, jovens intelectuais que compartilhavam um mesmo ambiente político, jornalístico e literário. O romance de Fernando Sabino nos fornece um retrato da Belo Horizonte dos meados do século XX, dando continuidade à história da cidade como importante matéria literária na compreensão contextual daqueles autores que aqui viveram.

Se a marca dos anos quarenta foi a modernização da arquitetura da cidade, os anos cinquenta ficariam conhecidos como a década da indústria, em razão do surto de

desenvolvimento vivido pela capital. Nessa década, caracterizada pelo grande êxodo rural, a população da cidade dobra de tamanho, passando de 350 mil para 700 mil habitantes. Surgem novos bairros, grandes avenidas são abertas. Os problemas urbanos e a falta de moradia tornam-se mais graves. Preocupado com o crescimento desordenado da cidade, o então prefeito Américo René Gianetti dá início à elaboração de um Plano Diretor para Belo Horizonte.

Havia uma intensa referência ao estilo de vida americano e as noites da cidade eram embaladas pelos clássicos “bailes dançantes”. No campo das letras, surge, em 1957, a revista *Tendência*, tendo como seu diretor Fábio Lucas, como comissão de redação Affonso Ávila, Fritz Teixeira de Salles e Rui Mourão e como secretário Adônis Martins Moreira. A revista alcança repercussão nacional, levando os mineiros, tal como os modernistas nas décadas de vinte e trinta, a um diálogo ideológico e estético com o restante do país, sobretudo com São Paulo. Com *Tendência*, novamente o nacionalismo se vê em pauta, arrancando aplausos e desaforos dos leitores, dividindo, como sempre acontece quando entra em jogo, as opiniões. No primeiro número, encontramos o artigo de Fábio Lucas intitulado “Conceito de Literatura Nacional”, que discute abertamente o tema, promovendo uma revisão histórica do conceito. Sobre a revista e o referido artigo, disse Affonso Ávila em depoimento a Antônio Sérgio Bueno:

*Tendência* chegou mesmo a provocar polêmica, muita gente se colocando contra a revista por achar que defendíamos um nacionalismo estreito, quando na verdade propugnávamos uma linha de nacionalismo crítico para a nova literatura brasileira, para o projeto cultural brasileiro.<sup>5</sup>

De fato, diversas relações contextuais dos anos cinquenta apontavam uma aproximação ideológica com os anos trinta: a necessidade de firmar posições diante das polarizações da década. Há uma intensa preocupação com as fronteiras culturais do país, notas de um discurso decididamente contra a transplantação de culturas e a valorização daquilo que seria o nacional. Nas palavras de Antônio Sérgio Bueno:

Em 1957, os brasileiros estavam voltados para a defesa do petróleo, a construção de estradas e de Brasília. Havia um imenso apelo nacionalista. Daí a muito pouco tempo não havia mais espaço para os chamados pensamentos desinteressados. Engajamento era a suprema palavra de ordem. Todos se engajavam à esquerda e à direita e se transformavam em militantes. Cobravam-se posições e definições. Patrulhava-se.<sup>6</sup>

Do grupo, destaca-se Affonso Ávila, trazendo em seus versos a marca latente de uma poesia moderna. Talvez esse poeta seja, depois de Drummond, o nome que melhor

representa o estado de Minas Gerais no cenário literário nacional. A sua poesia é singular e merece um olhar mais detido e detalhado.

O primeiro livro de Ávila, *O açude e sonetos da descoberta*, que, na verdade, trata-se de duas obras em uma só edição, foi publicado em 1953 e recebeu abertos elogios da crítica do momento, acolhendo o poeta já em sua estreia. De fato, o poeta apresentava em seus primeiros versos aquilo que iria mais tarde distinguir-se como a força de sua poesia: um consciente e equilibrado trabalho com a palavra, nas diversas dimensões da linguagem, a espacial, temporal, musical e plástica. Mas a obra que o insere prontamente no cenário da literatura brasileira, e marca o início de um caminho que iria se aprofundar nos textos seguintes, é *Carta ao solo*, publicada em 1961. Com ela, o poeta revela o apelo visual ao lado da escolha da palavra exata, atinge o “equilíbrio perfeito entre o compromisso ideológico e o rigor formal”.<sup>7</sup> Depois de *Carta ao solo*, seguiram-se o *Código de Minas* (1967), em plena Ditadura Militar, e *Código Nacional de Trânsito*, de 1972, “livro-combatente”.

Todas essas obras só fizeram confirmar e reafirmar o nome de Affonso Ávila e sua “poesia da coragem”.<sup>8</sup> Ao lado da produção poética desse tempo, surge, segundo o próprio poeta, uma nova e importante fase de sua vida: a convivência com e o estudo do Barroco Mineiro. Inúmeros trabalhos

5. ÁVILA apud BUENO. *Affonso Ávila*, p. 25.

6. BUENO. *Affonso Ávila e a geração de Tendência*, p. 53.

7. BUENO. *Affonso Ávila*, p. 37.

8. BUENO. *Affonso Ávila*, p. 37.

surgiram daí. O primeiro, em 1964, *Resíduos Seiscentistas*, apresenta uma pesquisa para a interpretação da formação barroca de Minas. O poeta passou a coordenar trabalhos na cidade de Ouro Preto e nasce daí um livro de poemas sobre a cidade: *Cantaria Barroca*, publicado em 1975. Posteriormente, em 1980, vem a lume *O lúdico e as projeções do mundo barroco*, que, tal como o título indica, se insere nas preocupações do escritor sobre o universo barroco mineiro.

A trajetória de Affonso Ávila é de fato produtiva, qualitativa e quantitativa, e alguns de seus poemas trazem, de forma singular, o retrato de um tempo, espelho dos anos cinquenta e sessenta, colocando em relevo um deslocamento espacial de sua poesia, ao sair da barroca Ouro Preto e dirigir-se à moderna Belo Horizonte. Referimo-nos ao livro *O visto e o Imaginado*, publicado em 1990, mas que reúne quatro obras anteriores: *Masturbações*, *Delírio dos Cinquent'anos*, *O Belo e o Velho* e *Barrocolagens*. De acordo com Antônio Sérgio Bueno:

*O Visto e o Imaginado* – série de poemas de seu último livro – é um périplo poético de um Ulisses minimalista que se apropria dessa região de Belo Horizonte sob o signo da régua, do compasso e da prancheta de Oscar Niemeyer, em fecundo convívio visual que inclui os trabalhos de Portinari e Burle Marx.<sup>9</sup>

9. BUENO. *Affonso Ávila*, p. 11.

A plasticidade dos poemas de Affonso Ávila salta aos olhos e faz com que o leitor recrie toda uma cidade a partir de seus monumentos e momentos mais importantes, retratando com propriedade as leituras de um tempo único como as décadas de 1950 e 1960 vividas na capital. O poema sobre o conhecido bar “Redondo” — estabelecimento comercial de formato circular, que justifica o seu nome, às margens da lagoa da Pampulha — é exemplar:

redondo  
bar  
ó meu mar<sup>10</sup>

Antônio Sérgio Bueno assim comenta pontualmente o poema:

Além da exclamação a declarar a adesão emocionada ao lugar, a letra o figura o próprio título. O rendimento plástico-sonoro do poema é extraordinário para tão exíguas palavras: o marulhar das ondas se alitera no m, que também desenha o movimento ondulatório. O eco do som das ondas, que nasce das nasais do título, se prolonga no ar de bar e mar. Esse requinte sonoro e visual provoca um balanço, uma oscilação das palavras que contamina o próprio referente que é o bar evocado pela memória.<sup>11</sup>

10. ÁVILA. *O visto e o Imaginado*, p. 16.

11. BUENO. *Affonso Ávila*, p. 15.

Além de “redondo”, outro poema que marca uma releitura da modernidade do complexo da Lagoa da Pampulha, palco de atividades culturais, frequentada pela alta sociedade mineira de meados do século XX, é “Casa do baile”:

casa do baile  
menino e moço  
já dancei<sup>12</sup>

Os poemas aqui tratados e outros mais do livro *O visto e o Imaginado* sinalizam o olhar de um poeta que, além de se preocupar com uma inovação da linguagem, está atento ao seu tempo e espaço. Affonso Ávila conseguiu perceber as mudanças significativas de seu tempo, pautadas por uma postura política declaradamente moderna em Belo Horizonte, concretizadas pela construção do complexo da Pampulha, cujo projeto de modernização seria logo depois estendido para a nova capital do país — Brasília — e, poeticamente, soube dar uma resposta, ao mesmo tempo local e universal, a essas questões. Haja vista toda a sua produção crítica e ficcional sobre as Minas Gerais — Belo Horizonte e Ouro Preto.

Trinta anos depois, *Código de Minas* foi reeditado sinalizando uma maior atenção das novas gerações com a poesia de Affonso Ávila. Fabrício Marques em seu livro *Dez conversas:*

*diálogos com poetas contemporâneos*, de 2004, realiza entrevista com o poeta. E é dele que destacamos o seguinte excerto:

FM- *Código de Minas* é relançado trinta anos depois. Queria que o senhor fizesse uma comparação entre a época que o livro foi lançado com agora, do ponto de vista da recepção e do contexto social.

AA- Naquele momento realmente algumas pessoas consideraram que foi o livro de maior impacto na década de 60 na área da poesia no Brasil. A receptividade que ele teve foi muito grande: comentários críticos, trabalhos universitários, seminários. Foi o livro que me deu condições de chegar num ranking de destaque na poesia brasileira. Vejo que ele é muito oportuno porque estamos vivendo no Brasil uma época em que há uma distorção. O projeto político que tínhamos naquela época era extremamente crítico, pois colocávamos em questão uma série de problemas da estrutura e da mentalidade brasileiras, principalmente da mentalidade mineira. Já em 63 eu falava que a publicação desses poemas dava a oportunidade de se analisar não apenas Minas, mas a própria realidade brasileira, o próprio pensamento brasileiro, porque Minas é um microcosmo do Brasil. E hoje estamos voltando aos mesmos impasses daquela época.<sup>13</sup>

13. MARQUES. *Dez conversas: diálogos com poetas contemporâneos*, p. 15.

12. ÁVILA. *O visto e o Imaginado*, p. 20.

A poesia de Affonso Ávila traz a marca de um autor consciente das singularidades encontradas em sua terra, bem como o diálogo com a literatura nacional, especialmente com o que de mais força se projetava no momento: o Concretismo. Como já foi assinalado pela crítica, a poesia brasileira de meados do século XX foi marcada por um intenso debate teórico, promovido, principalmente, pelo grupo Noigandres – formado pelos irmãos Haroldo e Augusto de Campos e por Décio Pignatari. Distinguiu-se tal fase pela pesquisa de novas linguagens e pela inserção de novos suportes poéticos, caracterizada por uma inovadora atitude experimental. Tudo novo no horizonte das artes. Com o Concretismo, o cenário literário brasileiro se vê diante de uma neovanguarda que acaba fazendo escola e, sem sombra de dúvida, possibilita uma transformação intelectual e poética a partir de sua proposta verbivocovisual, e a sua releitura do passado cultural retoma o movimento de reflexão crítica sobre a realidade brasileira, iniciado com os modernistas. A estética concretista propõe ao leitor uma experiência radical para os sentidos de percepção.

Mas, se há uma radicalização da linguagem poética que marcará especialmente as décadas seguintes, há também uma ligação, ou melhor, uma aproximação com algumas posturas estéticas e ideológicas de outros movimentos passados no século XX. O Concretismo, tal como o Modernismo Mineiro e as demais gerações, preocupou-se em formular

uma resposta ao seu tempo, em um projeto nacional e internacional. Assim como *A revista* do grupo modernista belo-horizontino liderado por Drummond, que expôs o debate nacionalista em termos coletivos, e *Edifício*, que manifestava o desejo de participação universal, os concretos foram também, simultaneamente, nacionais e internacionais. Mesmo que a postura tomada por cada geração seja única, como o nacionalismo conservador de *A revista* ou a radicalidade do Concretismo, ligado ao aparecimento da TV, por exemplo, que influencia sobremaneira a linguagem poética no que se refere ao acento conferido à visualidade verbal, essas mesmas gerações estiveram às voltas com a relação nacional e internacional. Segundo Rogério Barbosa da Silva,

[...] a Poesia Concreta não foi o único movimento poético a formular um projeto de vanguarda que desejou situar a poesia brasileira no contexto internacional, em compasso com as questões técnicas e materiais dos países mais desenvolvidos. [...] todos esses poetas ligados às vanguardas tardias dos anos 50 e 60 — brasileiros ou não — procuravam ser contemporâneos dentro de uma visão global do mundo, estabelecendo as redes que possibilitariam a irrigação mútua de seus trabalhos criativos e críticos.<sup>14</sup>

De fato, parece sempre ter existido entre os poetas e intelectuais brasileiros o desejo de se pensar a cultura dentro

14. SILVA. O signo da invenção na poesia concreta e noutras poéticas experimentais: uma análise da poesia brasileira e portuguesa dos anos 1950-2000, p. 83.



de uma esfera nacional e internacional. Em Minas Gerais não poderia ser diferente. Com Affonso Ávila, a poesia aqui produzida ultrapassa as montanhas que a cercam e se insere, não só em um contexto nacional de prestígio e debate, mas, por vezes, constituindo-se como referência da poesia brasileira no cenário internacional.

No interesse de também se colocar diante das discussões literárias vigentes em meados do século XX, surge a revista *Vocação*, em 1951, com três exemplares publicados durante o ano. O primeiro, no bimestre janeiro-fevereiro, o segundo, no mês de maio, e o terceiro no mês de agosto, todos tendo como diretores Affonso Ávila, Fábio Lucas, Vera Castro e diversos redatores e colaboradores, como Ayrton do Nascimento Almeida, Augusto Gonçalves Rodrigues, Cleiber Andrade, Cyro Siqueira, Moisés da Cunha Rocha, Rui Mourão, Wilson de Vasconcelos Sampaio, Wladir Caldeira de Moraes. Muitos são os artigos que versam sobre literatura no periódico, além de ensaios sobre cinema e artes plásticas, sinalizando a vontade de posicionamento do grupo diante do cenário cultural da época. De certa forma, o grupo ensaia em *Vocação* aquilo que iria amadurecer e desenvolver um pouco mais tarde, com a revista *Tendência*, a partir de 1957, com o discurso predominante da poesia concreta e do nacionalismo. Eliana da Conceição Tolentino, em sua dissertação de 1994, *Vocação mineira:*

*contribuição para o estudo do panorama literário mineiro na década de 50*, assim esclarece sobre a revista e seu título:

A escolha do nome “Vocação” traz em si o emblema do grupo e, de certa maneira, condensadamente remete ao objetivo do lançamento do periódico. Os jovens acreditavam-se dotados de vocação, de talento literário, faltando-lhes apenas espaço para publicar e divulgar seus trabalhos. Criaram-no, portanto, lançando uma revista.<sup>15</sup>

Para o grupo, a revista estaria suprindo uma lacuna, a da inexistência em Minas de uma publicação estritamente dedicada à literatura, e inseriam assim a participação dos mineiros no debate crítico literário nacional. De fato, segundo Eliana Tolentino, o lançamento da revista foi noticiado em São Paulo, Pernambuco, Bahia e no próprio estado de Minas Gerais, pelos jornais da capital e do interior. As repercussões, embora fugazes, serviram para marcar o interesse do grupo em dialogar com o restante do país sobre as questões de literatura e das outras artes.

Entre os anos 1955-1958 também nasce a revista *Complemento*, de duração efêmera — apenas quatro números — mas de grande importância como ponto de referência para toda uma geração. Partidários de uma poesia interdisciplinar, que dialogasse com outras artes: a pintura, as artes plásticas, a dança e o cinema, os integrantes dessa revista cunharam seu nome a partir de um poema de Ferreira Gullar, presente em

15. TOLENTINO. *A vocação mineira: contribuição para o estudo do panorama literário mineiro na década de 50*, p. 34.

*Luta corporal*, livro plenamente aceito e lido por essa geração. Conforme nos informa Maria Zilda Ferreira Cury:

[...] O nome revela a escolha literária a que o grupo a ela ligado, atento aos aspectos formais do texto, pretendia se filiar.

A revista *Complemento* foi publicada em Belo Horizonte, entre os anos 55 e 58, criada por jovens extremamente atuantes nos espaços culturais da cidade. Sentiam esses jovens o chamamento para a tomada de posição no panorama semovente da cidade no qual desejavam interferir e fazer ouvir sua voz.<sup>16</sup>

O grupo, formado por Silviano Santiago, Frederico Morais, Ivan Ângelo, Ezequiel Neves, Maurílio Gomes Leite e José Nilo Tavares, nutria-se das mais diferentes fontes artísticas e teóricas, encontrando-se principalmente no Centro de Estudos Cinematográficos, primeiro cineclube organizado do país e espaço fundamental para sua consolidação. Embora fosse uma revista literária, *Complemento* assumia um claro interesse pela imagem, as artes plásticas, a dança, a música e o cinema e, curioso, seus integrantes acabaram por se destacar, posteriormente, na crítica literária.

Dentro do panorama belo-horizontino, seguem as gerações e crescem o número de revistas e as participações

literárias, contribuindo para a valorização da arte aqui produzida. Mesmo de vida efêmera, as revistas sempre promoveram papel importante na vida literária da cidade, seja problematizando aspectos artísticos por meio da crítica, seja pela apresentação de novos poetas e fortalecimento dos nomes já conhecidos. Com as revistas aqui apresentadas – *Edifício, Tendência, Vocação e Complemento* –, além da divulgação de textos e nomes importantes para o cenário artístico brasileiro – como o nome de Affonso Ávila – o debate crítico se funda a partir de uma constante tensão entre um discurso local e uma visão universal, entre a consciência das mazelas locais e o desejo de compreensão maior de um mundo ocidentalizado, entre enfim a conhecida antinomia particular *versus* universal. O dilema colocado como questão a essas diferentes gerações é enfrentado por também diferentes posturas, estratégias e estéticas, mas sobretudo aponta para a necessidade e importância da literatura para o debate e construção de pensamento sobre as humanidades de nosso país em todo o século XX.

#### REFERÊNCIAS

ÁVILA, Affonso. **O lúdico e as projeções do mundo barroco**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ÁVILA, Affonso. **O visto e o Imaginado**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

16. CURY. *Complemento: uma geração em revista*, p. 243-244.

ÁVILA, Rodrigo *et al.* **Casa do Baile**: uma ilha na história. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 2008.

BUENO, Antônio Sérgio (Org.). **O modernismo em Belo Horizonte**: década de vinte. Belo Horizonte: PROED Imprensa – UFMG, 1982.

BUENO, Antônio Sérgio. **Affonso Ávila**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Literários/UFMG, 1993.

BUENO, Antônio Sérgio. Affonso Ávila e a geração de Tendência. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 1998, p. 53-59.

BUENO, Antônio Sérgio. **Poéticas do olhar e outras leituras de poesia**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Complemento: uma geração em revista. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, 1997, p. 241-269.

CURY, Maria Zilda Ferreira. **Horizontes modernistas**: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

MARQUES, Fabrício (Org.). **Dez conversas**: diálogos com poetas contemporâneos. Belo Horizonte: Gutenberg, 2004.

SANTIAGO, Silviano (Org.). **Carlos e Mário**; Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Organização e notas de Silviano Santiago. São Paulo: Bem-te-vi, 2002.

SOUZA, Eneida Maria de. Edifício: que geração é essa? **Scripta**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 1998, p. 13-21.

SILVA, Rogério Barbosa. **O signo da invenção na poesia concreta e noutras poéticas experimentais**: uma análise da poesia brasileira e portuguesa dos anos 1950-2000. 2005. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

TOLENTINO, Eliana da Conceição. **A vocação mineira**: contribuição para o estudo do panorama literário mineiro na década de 50. 1994. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994.

*Recebido em: 14-03-2018.*

*Aceito em: 12-10-2018.*